

# Reflexões Teórico-críticas sobre o Ideal Esportivo e suas Implicações para a Racionalidade e para a Corporeidade

## Theoretical-critical Reflections on Sport Ideals and its implications to Rationality and Corporeity

Valdemir Pereira de Queiroz Neto\*

Maria de Fátima Vieira Severiano\*\*

**Resumo:** Este artigo elege a problemática da valoração do esporte e seus ideais como grande agente de homogeneização de consciências e materializador de uma corporeidade construída com apoio das novas tecnologias para a difusão midiática de imagens esportivizadas. Objetivamos apresentar reflexões orientadas pela Teoria Crítica e outros pensadores como Bourdieu, Elias, Ehrenberg que endereçaram o esporte e suas características catalisadores de uma cultura física e social reforçada por elementos do esporte. Metodologicamente, articulamos achados teóricos com os fenômenos sociais contemporâneos em busca de maior compreensão. As discussões teóricas indicam uma associação entre os ideais do esporte e o mercado, produtor de mercadorias esportivas e “atletas treinados” para o trabalho alienado. Assim, atividades físico-esportivas são permeadas de valores da sociedade industrial capitalista que transformou o esporte em mercadoria para o espetáculo comunicacional nas redes e em influência por sua contínua busca de performance e recordes.

**Palavras-chave:** Culto da Esportividade, Teoria Crítica, Psicologia Social.

**Abstract:** This article chooses the subject of valuating sport and its ideals as a great agent of homogenization of consciences and a materializer of a corporeity constructed with the support of new technologies to the massive media diffusion of sportive images. We present reflections oriented by the Critic Theory and other thinkers as Bourdieu, Elias, Ehrenberg who addressed the sport issue as catalyzer of a Physical and Social culture reinforced by Sports' elements. Methodologically, theoretical findings are articulated to contemporaneous social phenomena to produce greater comprehension. The discussions indicate an association between sports ideals and the market, which is a producer of sportive merchandise and prepared “athletes” to alienated work. This way, physical and sports activities

---

\* Psicólogo, Professor Adjunto de Psicologia, Semiótica, Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Ceará - Campus Quixadá, possui Doutorado em Psicologia na linha de pesquisa de Cultura e Subjetividade Contemporânea pela UFC. Faz parte do LAPSUS Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade. E-mail: valdemirpsiqueiroz@gmail.com.

\*\* Psicóloga, com Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP Professora Titular da Universidade Federal do Ceará no Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação desta Instituição. Fundadora e coordenadora do Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade (LAPSUS). E-mail: fatimaseveriano@gmail.com.



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

are constituted by values from the Capitalistic Industrial Society that transformed sports into a merchandise for the communicational spectacle in social networks and mass media, and also into an influence to be followed due to its continuous quest for performance and records.

**Keywords:** Sportivity Cult, Critical Theory, Social Psychology

**Recebido em: 01/027/2019. Aceito em: 29/05/2019**

## Introdução

Neste artigo, escolhemos abordar a esportividade como produtora de corpos e subjetividades. Pressupomos que o fenômeno esportivo espetacularizado é responsável em parte pelas transformações objetivadas em corpos que se referenciam nos modelos atléticos divulgados midiaticamente. Por outro lado, compreendemos que o fenômeno estudado tem implicações significativas para a racionalidade que se constitui e é compartilhada socialmente. Os processos de elaboração identitária estão, segundo acreditamos, mediatizados pelo ideário do esporte em sua vertente mais tecnológica e, portanto, se difundem com eficiência, modificando fundamentalmente nosso condicionamento psicossocial. Deste modo, ao escolhermos tratar desta “racionalidade esportiva”, faremos articulações com a constituição subjetiva dos homens, e os consequentes desdobramentos, que supomos permeada de uma consciência padronizada e cooptada por ideais, discursos e “verdades”. Ao pensar sobre as questões que constituem essa humanidade esportivizada, subjetiva e ao mesmo tempo objetivada no corpo, consideramos orientador o posicionamento em que

Mesmo aceitando que a corporeidade não dá qualquer forma essencial ou estável à subjetividade, não é possível negar a asserção dessas análises de que é sobre esse material bruto do “corpo” que a cultura trabalha sua constituição da subjetividade.[...] Mesmo quando se questionam os essencialismos e os binarismos, é difícil abdicar do corpo como material sobre o qual a cultura, a história e a técnica escrevem (SANTAELLA, 2004b, p. 23).

Deste modo, somos direcionados a investigar este corpo como uma “escritura” capaz

de prover informações sobre sua constituição, “[...] resultado de uma história cultural, científica e técnica particular. Assim sendo, as propriedades do corpo – andar, sorrir, cavar, nadar - não são propriedades naturais, são conquistas técnicas” (p. 24). Deste modo, observamos a maneira por via da qual a técnica modelou a humanidade, tanto em seu caráter biológico/factual quanto em sua configuração subjetiva/abstrata. Um pouco desta relação entre uma racionalidade esportiva que se instaurou nas práticas corporais é localizada historicamente por Georges Vigarello (2011) na obra *História do Corpo*. Nela, os primeiros passos de uma psicologia nascente são descritos como relevantes para a difusão dos ideais esportivos contidos nos treinamentos que se popularizam como atividades de tempo livre. Assim, benefícios psicológicos são postos como consequência do “fortalecimento” e preparação para o esporte. Para o período do início do século XX, Vigarello (2011, p. 198) assinala que

Um desafio não tarda a esboçar de outro modo a sua visada, reforçado sem dúvida pelas novas potencialidades do lazer e do tempo “disponível”: a promessa de um impacto psicológico, perfilando algum fortalecimento totalmente voluntário, a certeza de ganhar em segurança e em tenacidade. Daí esta constatação marcante, para os anos de 1900 e 1910, de um investimento muscular que vai estendendo insensivelmente seus horizontes aos efeitos ainda balbuciantes de uma psicologia.

Deste modo, especialmente no que se refere à racionalidade, observamos agenciamentos da subjetividade que direcionam os indivíduos na gestão de suas vidas, no âmbito corporal-estético-biológico e na contextura psicossocial-econômica-cultural que se elaboram em uma dinâmica dialética. A exemplo desta difusão do esporte,

tanto como prática quanto discurso produtor de subjetividade, Ehrenberg (2010) acentua que “[...] a prática esportiva e a linguagem do esporte penetraram a tal ponto em todos os poros da sociedade que está em via de se tornar passagem obrigatória para os valores da ação. Entramos numa nova era do esporte” (p. 10). Desta subjetividade produzida de modo heterônomo, pressupomos partirem as inclinações humanas que buscam empreender este modo de vida “esportivo” absorvido de maneira relativamente difusa em razão das inúmeras facetas e manifestações do fenômeno esportivo. Assim sendo, neste terreno de mútua constituição entre orgânico e psíquico, compreendemos que as atividades do homem-máquina moldado pela esportividade tanto encontram como objeto o corpo, a se submeter aos padrões, quanto produzem no psiquismo os esquemas resultantes da tensão com o todo social que se impõe como sistematizador das subjetividades. Assim, mente e corpo são submetidos aos moldes, testando suas capacidades de se adequar (“to fit”), absorvendo as táticas para a bem-sucedida jornada da experiência individual, produzindo sua “técnica de viver” (FREUD, 1927/1996a, p. 53). Neste *modus operandi* ante a realidade, observam-se as interações, atitudes e as dinâmicas hegemônicas do campo esportivo, como obstinação, competitividade exacerbada, individualismo narcísico, afincamento estatístico, devoção ao treinamento, submissão aos recursos tecnológicos disponíveis etc., que se manifestam em diversas circunstâncias. É importante destacar em Adorno (2002, p. 124), ao falar sobre o Tempo Livre, similares preocupações sobre a temática do esporte em relação com a forma física que se enseja como adequada para os corpos dos homens, agora objetos de medida e submissão. Segundo ele, na contextura do tempo livre e da adoção do esporte como valorada prática moderna,

[...] mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo no ‘team’, que se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabê-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que delas se esperam no processo de trabalho. A velha argumentação de que se pratica esporte para permanecer ‘fit’ é falsa só pelo fato de colocar

a ‘fitness’ como fim em si; ‘fitness’ para o trabalho é, contudo, uma das finalidades do esporte. De muitas maneiras, no esporte, nós nos obrigaremos a fazer certas coisas – e então gozaremos como sendo triunfo da própria liberdade – que, sob a pressão social, nós temos de obrigar-nos a fazer e ainda temos de achar palatável.

A questão ora discutida pelo Frankfurtiano ilustra quão dúbia é a liberdade que se associa ao esporte, sugestivamente aos indivíduos os comportamentos a adotar para o pleno funcionamento na maquinaria corporativa-industrial. Adestram-se, portanto, as consciências ludibriadas pelos acenos de liberdade que condicionam à execução das tarefas mantenedoras do funcionamento do sistema. Em nossas investigações, percorremos autores relevantes para refletir sobre as questões psicossociológicas na produção de uma racionalidade e corporeidade dominantes mediadas pelos ideais do esporte, hoje objeto de grande difusão midiática e articulações com os desenvolvimentos tecnológicos.

### Proposta Teórico-Methodológica

Neste artigo, iniciamos os argumentos sobre as implicações da esportividade contemporânea para a nossa subjetividade e, em seguida, como consequência desta, verificamos como tais constructos subjetivos se direcionam à representação objetiva da esportividade no âmbito corporal, intensificando a *Dominação do Corpo no Mundo Administrado* (RAMOS, 2004). Escolhemos este percurso por partilharmos de uma compreensão de que, no cerne destes aspectos está uma consciência produzida em massa, dominada pelos imperativos da mídia e determinante para a propagação eficaz destes ideais em favor do mercado. Tencionamos apresentar diferentes reflexões acerca da questão do esporte como manifestação cultural transformada pela sociedade capitalista industrial com repercussões significativas para os indivíduos e a ocupação do tempo livre do trabalho, mantendo a dominação fora das fábricas e empresas. Sobre esta dominação violenta sobre o corpo em suspeita, entendemos que a técnica e a materialização desta em toda sua maquinaria esportiva são elementos que aprofundam a

submissão do homem aos exercícios favoráveis ao sistema. Sobre esta ideia, Bassani e Vaz (2008, p. 99) nos ensinam que

[...] o profundo processo de embrutecimento do humano e a supressão de quaisquer traços de particularidade aparecem intimamente relacionados com o crescente processo de tecnificação, o que por sua vez engendra uma certa pedagogia dos gestos e do corpo. Sugere-se, neste sentido, que a técnica mais refinada não necessariamente leva a um aumento das possibilidades humanas, mas, talvez encaminhe, tendencialmente, a uma escravização do corpo por meio da incorporação dos processos reificadores da tecnificação.

Em função do descrito, compreendemos que o agravamento da composição homem-máquina que problematizamos apoia-se no tratamento acrítico desfrutado pela tecnificação, facilitado pela manipulação dos divertimentos e operado pela mercantilização das práticas culturais. A contribuir com nosso propósito de compreender a mediação técnica na produção de corpos, uma interessante noção de “técnica corporal” é expressa por Mauss (1934/1974, p. 215). Segundo ele, este processo de difusão ocorre com apoio no prestígio, gerando imitações com apoio na tradição e eficácia. Sua explicação esclarece que

[...] o que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem-sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros. É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico (p. 215).

Entendemos que, segundo essa premissa sobre a educação dos corpos que concebe a técnica como um “ato tradicional e eficaz” (MAUSS, 1934/1974, p. 217), podemos ressaltar que,

contemporaneamente, com o enfraquecimento dos pilares tradicionais da família, escola, igreja e comunidade, os processos de fortalecimento da mídia globalizada se intensificaram desde os escritos de Mauss. Pressupomos que as autoridades e personalidades dotadas de prestígio têm se constituído no âmbito das redes sociais e direcionado aos indivíduos com grande contribuição da realidade cibercultural consequente aos meios de comunicação de massa ainda incipientes na primeira metade do século passado. Desta maneira, compreendemos que Adorno e Horkheimer podem estabelecer uma atualização dos pontos sugeridos por Mauss (1934) com o conceito de Indústria Cultural, na qual os padrões que se constituem pela via da transmissão de uma tradição, no sentido de autoridade heterônoma, porém sofisticada pela eficácia das tecnologias de comunicação cada vez mais atuantes. Afinal, segundo Mauss, para a constituição da técnica, “[...] é preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (MAUSS, 1934/1974, p. 117). Corroborando esta linha de pensamento que identifica nos produtos da técnica a fonte de fascínio e encantamento, Vigarello descreve o início do século XX como um período em que a “[...] diversidade dos ‘exercícios’ físicos se estendeu como nunca”<sup>1</sup> (2011, p. 206), estabelecendo uma realidade em que “[...] muito mais profundamente, o fascínio técnico domina esse inventário de gestos. O fascínio pelos instrumentos, em primeiro lugar” (p. 206), criando uma aura sobre o esporte em que “[...] treinar, ou seja, praticar esses exercícios seria mais que nunca entrar na modernidade” (p. 207).

Ainda sobre este assunto, entretanto, em uma visão frankfurtiana, obtemos maior clareza sobre o processo de tecnificação como uma

<sup>1</sup> “[...] Em um recenseamento que desafia qualquer categorização exaustiva, os jogos ao ar livre, os esportes pedestres, os exercícios corporais (entre estes a ginástica), o ciclismo, o automobilismo, a aviação, os esportes Náuticos, os esportes hípicas, os esportes de inverno, o turismo e as viagens, segundo a laboriosa classificação da enciclopédia da vida prática em 1910.[...] Em 1903, um livro de jogos e esportes que se dirige a jovens leitores: fazei vossa escolha. Eis vinte e cinco esportes, pelo menos, que se dirigem a vossos músculos e à vossa inteligência (VIGARELLO, 2011, p. 206).

violência direcionada ao corpo com o pensamento de Adorno (1995) no texto *Educação após Auschwitz*, no qual a fetichização da técnica é descrita como relacionada ao esporte e à reificação das consciências. Em suas palavras, “[...] no que diz respeito à consciência coisificada, além disto é preciso examinar também a relação com a técnica. [...] Esta relação é tão ambígua quanto a do esporte, com que aliás tem afinidade” (ADORNO, 1995, p. 6). O esporte, segundo Adorno (1995), por via da fetichização da técnica, é uma maneira contemporânea de organização da corporeidade. Além disto, porta uma ambiguidade acentuada, ao possibilitar o impedimento da barbárie, por um lado, e permitir a violência e o sadismo, por outro. Assim, o esporte “[...] pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo” (ADORNO, 1995, p. 4). Deste modo, partimos destas perspectivas teórico-metodológicas em busca de mais articulações sobre as questões do corpo e da racionalidade que determina essas inscrições socioculturais com relevantes influências para os indivíduos. Iniciaremos com reflexões mais centradas no corpo, para, em seguida, endereçar as questões da racionalidade esportiva, entretanto, nem sempre uma separação completa entre os dois âmbitos da discussão, corporal e racional, será possível. Iniciamos, portanto, com questões mais relacionadas ao corpo que se produz pela via dessa difusão de ideais esportivos.

### **Corporeidade Esportiva**

Estas afirmações contribuem com a explicação que compartilhamos com os frankfurtianos acerca da objetificação do corpo, ou seja, a matéria corporal torna-se ela mesma objeto de investigação, mensuração, dominação e transformação, administrada pelo aparato tecno-científico. Sobre o desenvolvimento das avaliações e da tecnificação dos corpos, Vigarello (2011, p. 209) descreve o período inicial do século XX como determinante para a instauração de práticas de vigilância e criação de instrumentos para a avaliação dos corpos e suas potencialidades. Assim, segundo ele

[...] este corpo técnico, deve-se insistir neste ponto, é um corpo medido. Seus progressos, como seus treinamentos, são maquinados. Proclamam-se as eficácias, calculam-se as potencialidades. Os aparelhos se multiplicam no começo do século 20, prolongando um conjunto de dispositivos de avaliação.

Ao entendermos melhor o desenvolvimento do treinamento para o esporte com apoio em práticas da cultura física, conseguimos perceber e criticar o modo como nossos corpos se tornaram alvo da dominação racionalizada pelo capital. Sobre a estrutura do treinamento, Vaz (1999, p.102) assinala que

[...] a teoria do treinamento desportivo partilha uma estrutura mais ou menos comum com outras técnicas e outros discursos sobre o controle do corpo. Assim como os discursos relacionados à dieta, por exemplo, que também podem lançar mão de metáforas maquinais, é fundamental para o treinamento desportivo que haja uma separação muito clara entre sujeito e objeto. É preciso (re) conhecer o corpo como objeto, ou não se pode treiná-lo.

De acordo com Adorno e Horkheimer (1991), é na cultura que o corpo tem esse tratamento de objeto e este regime para com o corpo e a natureza, rebaixadas a mero objeto de domínio, tem como consequência o que é chamado por eles de “revolta da natureza”. Esta se daria numa “forma de amor-ódio pelo corpo” (VAZ, 1999) e é explicada, pois

[...] só a cultura conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, corpus. Com o auto rebaixamento do ser humano ao corpus, a natureza se vinga do fato de que o ser humano a rebaixou a um objeto de dominação, de matéria bruta (ADORNO; HORKHEIMER, 1991, p. 266).

A explicação para a revolta da natureza reside nos recônditos dos processos do inconsciente, perpassados pelos interditos da civilização a tributar a obtenção de prazer, regulando os meios destinados ao direcionamento da sublimação das pulsões. A expressão desta revolta assume perigosamente a “compulsão a crueldade” e revela sua faceta de relação com os

totalitarismos vividos no decorrer da humanidade. Desta maneira,

[...] haveria então uma história paralela, subterrânea, clandestina, que tem a ver com o recalçamento dos impulsos e das paixões humanas, localizando-se, portanto, no corpo. Essa história, que expressa o mal-estar e a revolta da natureza nos seres humanos, expressar-se-ia pela compulsão à crueldade. Na análise dos autores, um dos momentos limítrofes em que essa revolta vem à tona seria o fascismo, entendido como uma das chaves para o entendimento do capitalismo. Lembremos, a propósito, que o culto do corpo de forma geral, e do esporte em especial, foi peça-chave na construção do ideário nazista e da mitologia de uma raça ariana (VAZ, 2008, p. 99).

Esta descrição permite que reflitamos sobre o domínio operado sobre o corpo social nos contextos dos sistemas totalitários e fascistas. Deste modo, a dialética entre o macrossocial e o microindividual guardam a semelhança da dominação sobre o corpo de modo agressivo, empreendendo a violência e a força, controlando as pessoas em diversos âmbitos, privando a liberdade e a autonomia e prejudicando o desenvolvimento das potencialidades humanas com amparo em um modelo privilegiado em favor do sistema a otimizar-se pela via da barbárie. De modo semelhante, sociedade e indivíduo são reduzidos violentamente a objeto a ser explorado, do qual se extrai apenas aquilo que favorece o sistema. Sobre este período histórico e relação entre os governos totalitários na Europa e as práticas corporais que se desenvolveram, Vigarello (2011, p. 229) descreve que

[...] a educação física higiênica deveria servir aqui para a saúde física da raça, prometendo uma certa solidariedade quase carnal do coletivo, fabricando uma antropologia até pretender metamorfosear o orgânico homem novo dessas ficções nacionalistas seria um ser fisicamente transformado, exercícios de ginástica e esportes deveriam prioritariamente contribuir para isso. Uma vertente obscura dos impulsos voluntaristas e esportivos foi bem captada pelas empreitadas totalitárias.

Se a violência é utilizada via treinamento físico a fim de produzir forças militares para

dominações totalitárias no contexto das nações, similar violência é empreendida sobre os indivíduos ao instrumentalizarem no corpo as demandas estético-mercado-lógicas da contemporaneidade; ou seja, liberdades e autonomias são sacrificadas, tanto no âmbito político-econômico, no caso do totalitarismo, quanto na contextura psicossocial, no caso da administração das consciências pela Indústria Cultural atualizada pela cibercultura. Além disso, “[...] o domínio do corpo como objeto faz parte daquilo que poderíamos chamar de uma constelação da destrutividade, o universo em que o esclarecimento se exprime em toda sua dialética. A essa constelação pertence, em maior ou menor grau, o esporte” (BASSANI & VAZ, 2008, p. 101). Adorno (1997, p. 328) aprofunda o pensamento sobre a dominação e a crítica à fetichização da técnica, ao ensinar que, no panorama da Indústria Cultural,

[...] os dominados celebram a própria dominação. Eles fazem da liberdade uma paródia, na medida em que livremente se colocam a serviço da cisão, mais uma vez, do indivíduo com seu próprio corpo. Por meio dessa liberdade se confirma a injustiça – fundada na violência social – que mais uma vez se destina aos corpos escravizados. Funda-se aí a paixão pelo esporte, na qual os senhores da cultura de massa farejam o verdadeiro substrato para sua ditadura. É possível arvorar-se de senhor na medida em que a dor ancestral, violentamente repetida, mais uma vez é provocada em si mesmo e nos outros.

Desta feita, o esporte é descrito como um campo onde a violência se manifesta tanto no plano das ideias quanto no patamar morfofisiologicamente manipulado, direcionando aos indivíduos as imposições da produtividade, mesmo que geradora de mal-estar físico e social. Assim, a dominação é operada sobre os corpos promovida pelos ideais de progresso sem limites. Vaz (2000, p.75) expressa a ideia de que

[...] o esporte é um dos principais vetores da ideia de um progresso linear e infinito, cuja concepção de natureza é fortemente vinculada à produtividade e à tecnificação. As metáforas maquinais em relação ao corpo, tão típicas da modernidade, não são figuras de linguagem inocentes. Talvez por isso ainda prepondere uma história por vezes bastante celebrativa

dos “feitos” esportivos, que desconsidera a dialética entre progresso e regressão.

Consideramos importante destacar a maneira como a dor é naturalizada e até mesmo buscada como meio de estabelecimento de uma materialidade corporal desejada. Os sacrifícios realizados são exemplo da relação descrita como de amor-ódio ao corpo, castigado para a obtenção de prazer experimentado pelo sentimento de pertença social e defesa contra a exclusão pela inadequação daqueles que são ou estão destoantes no concernente ao padrão referenciado de modo espetacularizado. O lema de *bodybuilders* e fisiculturistas, afinal, prescreve a dor como desejável para a obtenção dos benefícios, apontando a equação do *No pain, No gain*, na qual a dor é contrapartida e meio para o ganho, sucesso e vitória. Desta maneira, preocupam-nos os limites tensionados por tal culto à dor e à capacidade de se manter em dor em nome dos objetivos e metas alçados a patamares constituídos tecnocientificamente. Esse problema da dor é elucidado por Vaz (1999, p. 104), ao acentuar que,

[...] nesse contexto não há espaço para a dor, já que o corpo acaba por ser objeto dissecado pela ciência e potencializado na forma de progresso e sucesso. A dor passa a ser vista não mais como uma aliada em defesa da vida, uma expressão viva da corporeidade, mas como um obstáculo a ser superado, dominado, ignorado, tornando-se, talvez, até mesmo fonte de prazer. A grande questão da tolerância à dor e ao sofrimento relaciona-se com a possibilidade de a crueldade – e com ela a violência e a obediência – ser mediada, controlada e prescrita de forma racional, científica. [...] a redução do corpo a uma materialidade desqualificada faz com que ele seja visto como maquinismo, natureza cega, ou, o que é pior, como cadáver.

Assim, observamos a descrição de como o corpo é visado e tratado feito uma máquina a desempenhar melhor as suas funcionalidades, em especial, adaptando-se ao ambiente mercadológico, neoliberal, hiperindividualista e competitivo. Em Adorno (1997), encontramos esclarecimentos sobre seu modo de ver acerca da constituição do esporte moderno como terreno de relação aproximada e modelada pela máquina

como ideal. As explicações adornianas são caras aos nossos propósitos de compreender as relações entre homem e máquina mediadas pelo esporte. Assim, destacamos a visão do Pensador frankfurtiano, ao assinalar que

[...] poder-se-ia afirmar que o esporte moderno, pretende restituir ao homem uma parte das funções que lhe foram retiradas pela máquina. Mas o esporte pretende treinar os homens da maneira mais impiedosa possível, para colocá-los a serviço das máquinas. Ele acaba por assimilar o próprio corpo à máquina. O esporte pertence, por isso, ao reino da ausência de liberdade, onde quer que seja organizado (ADORNO, 1998, p. 76).

Deste modo, chamamos atenção para a esportivização como processo de transformações das práticas lúdicas, resultando em gradual perda de liberdade, espontaneidade e diminuição da cooperatividade por conta das imposições de regulamentações burocráticas, tecnificações e estabelecimento da competição e rendimento como componentes necessários das práticas esportivizadas com influência da sociedade capitalista. “O esporte é uma cristalização ideológica da competição permanente, que é representada como ‘preparação para as asperezas da vida’” (VAZ, 2004, p. 10). Destacamos aqui o relevante fator da competitividade, como essência ideológica, direcionado ao esporte. Sintetizando esse pensamento, Cavalcanti (1984, p. 42), afirma na obra *Esporte para Todos: um discurso ideológico* que:

A técnica e o treinamento esportivo adotam estruturalmente o princípio da produção capitalista – a racionalização através do cálculo sistemático. Mauss, ao analisar as técnicas do corpo numa civilização industrial e urbana, afirma que há uma forte tendência para aproximar os movimentos do corpo aos deslocamentos combinados da máquina.

Ainda sobre esta maquinização do homem pela via do esporte, Vaz complementa com pensamento consoante a Adorno. Aquele descreve a objetificação do corpo no processo de treinamento/dominação facilitado por diversas disciplinas científicas desenvolvidas para o melhoramento do corpo em termos de rendimento e eficácia. Vaz (2016, p. 2), a seu turno, observa que

[...] o corpo não é uma máquina, mas no esporte ele é visto (também) como tal, já que de outra forma não seria possível que ele fosse treinado, preparado para o melhor rendimento. Observe-se que um conjunto de disciplinas científicas vão, pouco a pouco, dando forma e sentido para o esporte, promovendo sua evolução.

Criticamos, portanto, os princípios norteadores dessa transformação dos corpos conduzida pelos ideais de produtividade e estética amplamente difundidos nos meios de comunicação. Assim, torna-se a organicidade do corpo associada aos adoecimentos quando se constata a falência do corpo em cumprir performances insuficientes quando contrapostas à máquina, essa sim, continuamente melhorada como objeto da tecnociência. Segundo Cavalcanti (1984, p.107), a propagação do ideário do Esporte para Todos, como movimento que surgiu na Noruega em 1967, “prolonga a ação técnica sobre o indivíduo para além do trabalho, coisificando o corpo e tornando-o adaptável às exigências da tecnocracia”. A autora problematiza o movimento mundial como uma nova religião na qual “a forma física e a sociabilização pelo esporte tornaram-se verdadeiros cultos; e a ‘igualdade de oportunidades’ e o ‘desenvolvimento de potencialidades’ transformaram-se em dogmas”. Tal movimento, segundo a autora, atua como “fator de dependência sociocultural à medida que impõe um processo de modernização cultural às atividades físicas desenvolvidas no tempo livre”. Destacamos, também, a produção de inimigos e anormalidades do corpo por essas instâncias simbólicas privilegiadas como a publicidade e os modelos de corporeidade constituídas com apoio nas tecnologias digitais. Índice de Massa Corporal (IMC), Taxa de gordura corporal, bioimpedância, idade metabólica, índices, taxas e números que denunciam a flacidez, falta de tonificação muscular, força, resistência cardiorrespiratória são algumas novas informações que mobilizam os indivíduos a recorrerem a diversos tipos de procedimentos para uma melhor adaptação às normas heteronomamente ensinadas pela publicidade e pelos discursos normatizantes. As métricas e as práticas de mensuração, acompanhamento e avaliação de números são estimuladas e fetichizadas. A conquista dos números é celebrada nas redes sociais,

semelhantemente a metas e recordes, distâncias, velocidades, índices, taxas, porcentagens, somas e subtrações são organizadas para um festival da instrumentalização do esporte. A atividade, em si, perde qualquer valor ao reduzir-se prioritariamente a finalidade objetivada. Deste modo, torna-se lucrativo o tensionamento dos indivíduos com os ideais propagados na mídia. Sobre a relação íntima que desenvolvemos com a máquina, Vaz (1999, p. 101-2) complementa, ao acentuar que,

[...] no esporte, antes de se desenvolverem máquinas para melhorar o desempenho, é preciso considerar o próprio corpo como uma máquina. A máquina deixa de ser um instrumento de prolongamento do corpo, e também este já não é um apêndice daquela. Ele acaba por maquiarse, de modo que não se sabe mais a diferença entre ambos. Não apenas o corpo adoecido é visto como máquina, mas todo e qualquer o é; ou, de outra forma, o corpo como máquina está sempre, de certa maneira, doente.

No que se refere ao corpo como materialidade investida de técnica, em posicionamento semelhante, Mauss (1934/1974, p.117) expressa que “[...] o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo”. Com isto, percebemos a manipulação operada nas subjetividades no que concerne a apropriação dos indivíduos sobre as práticas que se ofertam como técnicas a transformar as corporeidades em modelos dominantes no contexto da cibercultura. Sobre a influência das tecnologias digitais e acerca das normas heteronomamente constituídas com apoio das mídias, observamos que,

[...] a todo o momento são criadas e renovadas práticas para otimizar o corpo e melhorar sua performance. Tudo deve aprimorar o corpo conforme um conjunto de normas que prescrevem como ele deve ou não ser, como ele não deve deixar de ser. Boa parte dessas predições é veiculada e sustentada por meio de revistas ilustradas e por diversas outras mídias, principalmente digitais. Toda essa visibilidade do corpo, tanto simulacro quanto materialidade, faz dele uma categoria central para entendermos o contemporâneo, as

subjetividades que comporta (VAZ, 2014, p. 303).

O dispêndio de energia, disponibilidade econômica, resistência aos maquinismos exaustivos, a obediência fiel aos parâmetros criados, além da submissão, capacidade de tolerar e, quem sabe, até tornar a dor uma experiência prazerosa, nos remete à noção de virilidade difundida como valor no estabelecimento da civilização. “A ideia de que a virilidade consiste num grau máximo da capacidade de suportar dor de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que – como mostrou a psicologia – se identifica com muita facilidade ao sadismo” (ADORNO, 1995, p. 128). Além disso, Adorno (1998, p. 76) complementa ao exprimir, que “[...] é próprio do esporte não apenas o impulso à violência, mas também o impulso à obediência e ao sofrimento”. Sobre a história da virilidade, descrita por Vigarello (2013, p.272), ele afirma que.

[...] uma maneira de valorizar atividades, distinguir qualidades físicas, associar qualidades morais, instalar superioridades. Ascendências ligadas ao homem, ator dominante desse primeiro universo. Isso torna os valores alcançados muito particulares: somente os homens verdadeiros, somente os que sabem lutar física e moralmente poderiam ser verdadeiros esportistas. Apenas a virilidade poderia vencer.

Parte da problemática deste valor descrito reside na valorização da severidade, não unicamente experimentada na relação com o próprio corpo, mas também direcionada aos outros. Com efeito, criticamos a elevação da severidade como uma característica que pode, em alguma medida, ser atribuída à difusão de certos modos de esportividade, em especial, aqueles que tratam o rendimento esportivo como um progresso ilimitado e necessário aos melhoramentos dos indivíduos, reduzidos às materialidades de seus corpos. Vaz e Basiani (2008) esclarecem as consequências dessa severidade, que afigure expressão operacionalizada pelo esporte, naturalizando relações hostis entre os pares e propagando a insensibilidade para com o sofrimento, a dor e a privação, inclusive de direitos humanos universalizados, entretanto, seletivamente negados. Segundo ele, uma

educação para a dor contribui para o elogio do modo severo, *hardcore*, *tough*, expressões em inglês carregadas de positividade. Assim,

[...] “ser duro” de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la (VAZ & BASSIANI, 2008, p. 104).

A severidade descrita como presente nos treinamentos físicos e esportivos, tensionando a resistência e capacidade de tolerar a dor nos corpos é evidenciada também em outros discursos como os da dieta. Assim, a privação e o controle sobre a alimentação tornam-se importantes para guiar os corpos em transformação à consecução dos objetivos organizados pela ciência do treinamento. A ingestão de suplementos e substituição de refeições por misturas, *shakes*, pílulas etc. são exemplos dos sacrifícios não apenas dos prazeres obtidos pela alimentação mas também de privação dos sabores, na medida em que a alimentação se faz uma atividade humana objeto de cálculo, mensurando a informação nutricional e provendo ao corpo doses “medicinais” de alimento para a cura contra males temidos como, ineficiência, inadequação, estagnação e a “ordinariedade”/ inferioridade/ mediocridade de nossas humanidades. Um interessante ponto de vista sintetiza o componente agressivo do treinamento e é exposto por Vaz (2012):

O treinamento esportivo pode ser comparado a um processo de produção de enfermidade, na medida em que se constitui como atribuição de uma carga sistemática de trabalho (estresse) que seja capaz de provocar as adaptações morfofisiológicas necessárias ao desempenho (p. 146).

A saúde idealizada, portanto, parece estar no controle maquínico do funcionamento de nossa organicidade e corporeidade. As ciências e os conhecimentos afins ao treinamento esportivo, apesar de mais difundidos nos profissionais do esporte de alto rendimento, são consumidos

também por amadores. Deste modo, o esporte de alta performance funciona como um laboratório de práticas posteriormente difundidas ao público como produtos e serviços ofertados aos indivíduos “comuns”, aspirantes a esportistas e consumidores de esportividades impregnadas de valores distintivos. Assim,

[...] o tipo de organização das atividades proporcionado pelas teorias do treinamento desportivo não é exclusivo do esporte de alto rendimento, nem da sua versão mais light, o esporte competitivo de pretensão mais modesta. Os conhecimentos relacionados ao treinamento também se relacionam a dois outros importantes campos da atividade corporal, o relacionado à saúde e o relacionado ao *body sculpting* (VAZ, 1999, p. 92).

Sobre esta estreita relação entre o caráter social da racionalidade e sua manifestação no corpo que debatemos, concordamos com o pensamento de Le Breton (2011, p. 70). Segundo este, “[...] o corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem”. Desta maneira, percebemos que os corpos são castigados pela racionalidade esportiva, alinhada com o produtivismo e o culto da performance e da eficiência. Além disso, os corpos, as imagens e os feitos são fetichizados, magicamente valorizados como mercadorias expostas em vitrines. O esporte contribui com o teor épico, glorioso e centrado na vitória, encantando com sua linguagem universalmente reconhecida e conclamada. Consideramos importante privilegiar em nossas discussões o modo como o homem comum, no esporte e fora dele, empreenderia esse *modus operandi* que suspeitamos ser contemporaneamente manifestado em signos de esportividade, publicados nas redes sociais. Portanto, dissertamos sobre pensamentos de autores que identificam essa faceta esportiva em agenciamentos de nossa subjetividade que nos direcionam a uma posição submissa. Aparentemente, há um *mindset*, vocábulo inglês em voga, que representa uma configuração mental, um conjunto de meios a serem implementados em uma mentalidade que parece realizar uma mimese inversa, no que se refere à oposição entre as atividades de lazer chamadas miméticas e as atividades sérias descritas por Elias (1992). Assim,

além de escoarmos nossas emoções humanas banidas do âmbito público e sublimarmos aquilo que resta em nós represado em consequência do processo de civilização, temos mimetizado o lazer no trabalho, intensificando esse processo de hibridização entre ambos. Se, por um lado, o aparato tecnológico conceituado por Marcuse (1973) é expresso como norma para todas as atividades humanas, incluídas as de tempo livre, por outro, o lúdico é racionalizado e subvertido para as atividades sérias. A respeito disso, observamos o posicionamento de Lasch (1983) sobre o tipo de trabalho fabril fordista do passado, que hoje já denota, tal como temos tentado demonstrar, incrementos para uma maior eficiência na exploração do homem no trabalho. Em seu livro *A cultura do Narcisismo*, Lasch (1983, p. 135) postula a ideia de que

[...] o trabalho agora tem tão poucos traços lúdicos, e a rotina diária proporciona tão poucas oportunidades de fuga da autoconsciência irônica, tendo assumido ela própria as qualidades de uma rotina, que as pessoas procuram o abandono no jogo com intensidade maior que a usual.

Entendemos que Lasch descreve genericamente um tipo de trabalho mecânico e, portanto, ainda não incorporado dos aprimoramentos das técnicas das gestões de pessoas, como gincanas, treinamentos motivacionais, separação dos trabalhadores em times, trilhas ecológicas, acampamentos que se propõem simular a aventura e a superação, dentre outras atividades propostas para eufemizar e manter lucrativa a exploração. De modo a reforçar o nosso ponto de vista, recorreremos ao conceito de “gamificação”<sup>2</sup> (do Inglês, *gamification*) compreendido como implementar com o modelo de jogo uma sistemática de atividade séria, de sorte a torná-la menos enfadonha e tediosa e assim motivar a realização da atividade de jeito lúdico, distribuindo recompensas e gerando prazer. Sobre este ponto, observamos que, de

<sup>2</sup> Gamificação é o uso de mecânicas e dinâmicas de jogos para engajar pessoas, resolver problemas e melhorar o aprendizado, motivando ações e comportamentos em ambientes fora do contexto de jogos. A gamificação é, basicamente, usar ideias e mecanismos de jogos para incentivar alguém a fazer algo. O que é gamificação? Disponível em: <https://www.edools.com/o-que-e-gamificacao/> - acessado em 01/07/2017.

acordo com Lasch (1983), essa transposição do lúdico o empobrece e desvirtua. Sua posição é de que “[...] os jogos rapidamente perdem seu encanto quando postos a serviço da educação, do desenvolvimento do caráter ou do melhoramento social” (p. 134). Assim, no processo de esportivização, supomos haver uma preocupação com o controle e a restrição das liberdades, das espontaneidades e das atividades consideradas fúteis, dada a incompatibilidade em relação aos princípios da eficiência e do rendimento. Em posicionamento semelhante, Brohm (1976, p. 33) ressalta que, “[...] de uma forma geral, o esporte não é mais do que a perversão sistemática do instinto agonístico lúdico em favor da competição. Ele é a teoria e a prática experimentais, por assim dizer, da competição individual” (p. 20). Não somente o brincar e o jogar despreziosos e livres perdem espaço para o esporte como meio de desenvolver os homens, como o esporte serve de modelo para o incremento quantitativo das práticas de exploração impetradas pela movimentação contínua e acelerada do capital. Na inteligência de Adorno (1992), “[...] a tecnificação torna, entretantes, precisos e rudes os gestos, e com isso os homens. Ela expulsa das maneiras toda hesitação, toda ponderação, toda civilidade, subordinando-as às exigências intransigentes e como que a-históricas das coisas.”

Na interface da técnica com esta racionalidade esportiva manifesta de modo diversificado, encontramos apontamentos que nos levam a investigar as buscas por desempenhos mentais moldados pela esportividade e mediados por uma miríade de técnicas desenvolvidas que comportam desde fármacos, como ritalina, para “concurseiros”, e *softwares* que prometem treinar a mente a executar de modo eficiente operações cognitivas separadas como modalidades olímpicas. Não unicamente nesta vertente competitiva de habilidades cognitivas, mas também em relação às atividades eminentemente físicas, observamos meios por vezes denunciadores da desigualdade nas preparações para toda sorte de competições, inclusive as concorrências por melhores condições de vida, emprego etc. O que no âmbito esportivo pode ser chamado de *doping* e é associado à trapaça, no contexto social é velado pela sistemática da meritocracia. Concordamos com o pensamento de que a dopagem apenas atesta o desigual acesso às

condições para a competição, evidenciando o aparato tecno científico utilizado em favor de privilegiados. Vaz (1999, p. 107) garante que o uso de substâncias proibidas “[...] apenas confirma o caráter apenas formal da igualdade de oportunidades, visto que ela em nenhum momento ocorre no esporte de alto rendimento, sobretudo pelas brutais diferenças no acesso às melhores condições materiais de treinamento.”

Dois outros aspectos agravam a problemática que reside no desenvolvido aparato tecno científico que permite o uso de substâncias sintetizadas com objetivo de aumento de performance, seja para competição em níveis profissionais como entre amadores, ou a aplicação de “tratamentos” ao corpo com objetivos estéticos. Primeiramente, é importante que evidenciemos o serviço da ciência que se constrói contra os exames anti-*doping* realizados nas maiores competições esportivas, testando e conhecendo modos de burlar o sistema de detecção destas substâncias conhecidas, catalogadas e proibidas como capazes de extrair da máquina corporal melhores desempenhos. Assim, é desenvolvida, em paralelo ao desenvolvimento das drogas de performance, uma ciência capaz de ocultar a máquina científica, representada pelas drogas ou terapias dos fluidos examinados para garantir a justiça nas disputas. Com isso, as vitórias celebradas com ídolos insuspeitos são constituídas de modo racional, instrumentalizados muitas vezes pelos aparatos estatais, como denunciado no documentário *Icarus*, revelando o *modus operandi* dos laboratórios credenciados da Wada (World Anti-doping Association) que produziram campeões olímpicos russos. Alguns outros escândalos mostram que ídolos e suas lucrativas imagens foram explorados por via de resultados vitoriosos e títulos/titulações constituídas apoiadas nesta ciência baseada no cinismo, na capacidade de dissuadir e manipular a realidade. Destacamos o caso do estadunidense Lance Armstrong, multicampeão da volta da França após um câncer, peculiaridade que tornou suas vitórias mais grandiosas e idolatradas até provada a ciência aplicada a seu corpo para mascarar seu estado quimicamente favorecido. Sobre os atletas nas disputas olímpicas, Silva (2000) fala do ciborgue e da percepção de Haraway acerca deste conglomerado entre maquinismos e humano.

Vencer os jogos olímpicos na era do cyborg não tem a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo. Quando o furor sobre a ciborguinização de atletas por meio de drogas para melhorar a performance alcançou seu máximo no último verão, Haraway não podia compreender a razão de tanta discussão. Com drogas ou sem drogas, o treinamento e a tecnologia fazendo de todo atleta olímpico um nó em uma rede tecnocultural internacional tão artificial quanto o super corredor Ben Jonhson no ponto máximo de consumo de esteroides (p.26)

Mesmo com a examinação dos participantes por sofisticados laboratórios clínicos, são recorrentes os episódios de busca racional de vantagem em contextos competitivos, nos quais se produzem vitórias a serem posteriormente exploradas, além dos prêmios em dinheiro adquiridos imediatamente. Esta exploração ocorre com suporte nas imagens destes “semideuses”, associados a produtos de toda sorte e idealizados como modelo de conduta ética e pessoal, detentores dos mais altos valores humanos comprovados por seus feitos. Haja vista este contexto de manipulação que se oculta mesmo com cuidadosa supervisão, com punições àqueles que podem ficar impedidos da prática profissional, preocupam-nos as apropriações, por parte das pessoas comuns, dos instrumentos tecno científicos que se disponibilizam diversamente no mercado, oferecendo todo tipo de vantagem na competição social generalizada que o esporte fetichiza. No âmbito das práticas esportivizadas, consideramos cruel a intencionalidade programada no mercado, sofisticado tecnicamente em favor do encantamento operado sobre as subjetividades, ofertando promessas de satisfação àqueles sedentos por melhores resultados, estéticos ou físicos. Assim, acumulam-se as notícias de falências orgânicas mediante a submissão do corpo aos extremos dos tratamentos maquínicos, sejam eles físicos, farmacológicos, cirúrgicos, nutricionais, bioquímicos ou combinações destes, experimentalmente testados.

## Racionalidade Esportiva

Em meio a estas práticas e saberes desenvolvidos com foco na performance dos indivíduos, a Psicologia do Esporte se posiciona como subárea da Psicologia em crescimento, promovendo-se como serviço por associar-se ao esporte de alto rendimento em particular. Deste modo, sua terapêutica parece incluir técnicas visando ao condicionamento dos esportistas que buscam na “[...] alta competição, a otimização dos resultados e a excelência” (BURITI, 2009, p. 17). Segundo Cozac (2003, p.23), “[...] em suma, a psicologia do esporte tem por finalidade investigar e intervir em todas as variáveis que estejam ligadas ao ser humano que pratica uma determinada modalidade esportiva e, em seu desempenho.”

Além dos questionamentos interpostos acerca do desenvolvimento de uma psicologia que aprofunde a submissão do corpo aos ideais esportivos de alta performance no âmbito da prática esportiva profissional, preocupamos, também, o modo como tal serviço pode figurar como um acessório da distintividade social fetichizada ou a serviço de esportistas amadores movidos pelos ímpetus de contínuo aperfeiçoamento e melhoria de desempenhos. Se hoje supomos que este serviço em psicologia operacionaliza o incremento de performances para predominantemente atletas profissionais, clubes e associações esportivas, suspeitamos de que também sirva em menor número àqueles sujeitos de nossa pesquisa, o indivíduo “comum” mobilizado pelos ideais de esportividade e reprodutor da lógica do alto rendimento, apoiando-se no aparato tecno-científico disponível para tal, em que se insere a psicologia do esporte. Afinal, como nos indica Ehrenberg (2010, p. 20), a prática dos esportes “[...] domina tanto sua própria esperança de carreira quanto a conquista de sua dignidade; o esporte é uma técnica de fabricação de autonomia, uma aprendizagem do governo de si mesmo que se desenrola tanto na vida privada quanto pública.” Assim, percebemos que a constituição deste valor identitário associado à esportividade ocorre transposto ao esporte em si e é cultuado, desejado e planejado como diferencial mercadológico para empresas e para “indivíduos S/A”. Tal preocupação com uma imagem mais vendável evidencia-se, especialmente, com a

mercantilização do ciberespaço e a intensificação da exploração das imagens e perfis de blogueiros, celebridades virais, tutores, experts, autoridades, ou simplesmente profissionais nas mais diversas áreas que buscam notoriedade e visibilidade nas redes sociais para promoção de seus serviços e o incremento de suas performances produtivas. Seguidores, visualizações e “curtidas” convertem-se em uma mineração financeira ou monetização, e o esporte operacionaliza estas constituições identitárias como elemento propulsor destas identidades virtuais ou ainda como o *framework*, a moldura, traços reconhecidamente esportivizados expressos em signos que buscamos analisar. Corroborando o exposto e direcionando o foco ao corpo, Vaz (2014, p. 310) destaca a ideia de que este “[...] torna-se uma mercadoria apresentada entre outras tantas. Ele é tratado e explorado como uma mercadoria e como um órgão para consumir, especialmente tirando proveito da aparente explosão sexual e liberação erótica na sociedade atual.”

De modo semelhante, a Neurociência torna-se um *locus* em vasta expansão onde se desenvolvem inúmeras técnicas voltadas para elevada performance cognitiva. Treinamentos e palestras são ofertados para o público ter acesso às verdades neurocientíficas e neuroascéticas. Sobre este aspecto, Castro (2013) indica para posterior aprofundamento e articulação, que existem “[...] grupos de competição e treinamento que se reúnem para testar o desempenho cerebral em “clubes cerebrais”, “Campeonatos Mundiais de Memória”, ou a “Olimpíada dos Esportes da Mente” (p. 35). Além disso, ele afirma haver

[...] um mercado crescente de produtos referentes às neuroasceses, que incluem, entre outros, *softwares* de exercícios para o cérebro e programas de computador que se transformam em verdadeiras “academias cerebrais”, e vitaminas e todos os tipos de suplementos alimentares que se propõem a melhorar o desempenho do cérebro (CASTRO, 2013, p. 34).

De modo semelhante, percebemos que as escolas estão engajadas em uma cultura de competições e olimpíadas das mais diversas disciplinas que parecem remeter aos alunos, de modo a acostamá-los com a competitividade e disseminar as práticas de competição envolvendo

esforços intelectuais. Remetendo-nos a uma visada histórica, identificamos um descritivo do que parece ser um germe histórico precursor das manifestações da esportividade hoje ampliadas. Aparentemente, baseando-se no pensamento de Bourdieu (1986, p. 6), obtemos a compreensão de que este processo de formação da mentalidade esportiva é registrado inicialmente como uma expressão da

[...] dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de “formar o caráter” e inculcar a vontade de vencer (“will to win”), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras e o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço.

O panorama descrito parece se transfigurar e ganhar os contornos de competitividade e individualismo próprios dos dias atuais. Com a mudança da sociedade tecnológica, supomos modificações desta esportividade como “[...] formadora de caráter” nas escolas. Um interessante direcionamento é exposto por Bourdieu (1986) sobre as expectativas investidas no esporte como produto cultural. Concernente à utilidade das práticas esportivas, é observado que existem diversificados focos de autoafirmação pelas práticas e as classes sociais empenham-se em obter distintividade mediada pelo universo envolto à prática esportiva como o local de prática, máquinas e instrumentos auxiliares que compõem este universo de significações. Segundo o referido autor

[...] as diferentes classes sociais vinculam com a prática esportiva e atividades corporais às mais distintas expectativas: onde, para uma classe, em primeiro plano está a aparência da musculatura atlética, para outra, está a elegância e a beleza. Enquanto uns esperam obter saúde, outros esperam compensação psíquica. Em outras palavras, a distribuição específica de classe da prática esportiva não está baseada apenas na desigualdade de recursos financeiros disponíveis, ela baseia-se também, nas diferentes percepções e

entende dimensões da prática Esportiva (BOURDIEU, 1986, p. 107).

Procedendo com as contribuições de Bourdieu, este descreve que, intrinsecamente ao campo dos esportes, as disputas de poder ocorrem de modo que identificamos uma busca pela hegemonia e monopólio sobre as práticas. Este controle converte em dominação das práticas, regulamentações das modalidades, tradições, rituais e cerimônias que determinam o esporte em suas expressões, inclusive no que diz respeito a postular a legitimidade de uso e constituição do corpo. O autor citado ensina que

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo (BOURDIEU, 1986, p. 7).

Corroborando a descrição da circunstância há pouco expressa por Bourdieu, ao caracterizar o período de desenvolvimento das práticas esportivas e corporais, Vigarello (2013, p. 199) complementa a instalação destes ideais na modalidade de várias práticas, maneiras e desdobramentos de teorizações sobre este campo. Ele assinala que

[...] oposições dispersas, sem dúvida, querelas pessoais também, mas que revelam o triunfo definitivo do exercício construído, os movimentos sistematizados, mecânicos e precisos, controlados com o único objetivo de aumentar os recursos físicos: neles, o corpo seria educado de acordo com o código analítico de progressão, músculo após músculo, parte após parte.

Para elucidar as relações com o esporte que permitiram às empresas tornar a dominação da mão de obra e sua exploração mais eficaz e lucrativa, trazemos alguns direcionamentos interessantes para análise deste panorama desenvolvido. Gradualmente, com a sofisticação do sistema capitalista, as capacidades

humanas, força mecânica, energia, memória, cálculo, sendo uma a uma exportadas para as máquinas, como diferencial de mercado para criar outras necessidades. Restaram criatividade, improviso, espontaneidade, crítica e algumas outras “humanidades” ainda não plenamente programadas nas máquinas tecnológicas. A exploração da mão de obra humana também se sofisticou e foi encontrar na vida fora do trabalho a possibilidade de incrementar a produção, seja por explorar a criatividade humana, ou por criar simulações do jogo no contexto de trabalho. Sobre esse processo, Gorz (2005, p. 19) ensina que

Os trabalhadores pós-fordistas, ao contrário, devem entrar no processo de produção com toda a bagagem cultural que eles adquiriram nos jogos, nos esportes de equipe, nas lutas, disputas, nas atividades musicais, teatrais, etc. É nessas atividades fora do trabalho que são desenvolvidas sua vivacidade, sua capacidade de improvisação, de cooperação. É seu saber vernacular que a empresa pós-fordista põe para trabalhar, e explora.

Nas constatações feitas por Gorz, percebemos que a empresa capitalista visa a incorporar os atributos humanos à máquina normatizante, como a criatividade e a espontaneidade da esfera do lúdico, com fins de regular para a exploração de mais-valias, seja por conduzir ludicamente o homem a alienar-se na rotina, seja por lhe vender o padrão como espontâneo. Assim, o esporte serve de modelo e é concebido como um campo de expressão da vivência profissional, operando como um esquematismo para empreender a exploração de modo “ludicizado”, acrescentando uma suposta excitação aos explorados. Em concordância com as essas ideias, Ehrenberg (2010, p.9-10) assinala:

[...] o esporte é utilizado para tornar visíveis performances da empresa [...], seus produtos [...] ou para transformar os assalariados em mantenedores de sua própria empresa. A aventura é utilizada no contexto de sessões de formação permanente, tais como estágios sem-limites, em que se praticam percursos audaciosos, *rafting*, saltos no vazio e paraquedismo com a intenção de fazer os quadros aprenderem a assumir riscos, tanto individualmente quanto coletivamente em um ambiente economicamente imprevisível.

Acerca do sujeito que aflora dessa dinâmica “esportivizada” na sociedade neoliberal, temos indicativos dessa dramatização com tons épicos dos feitos dos homens, essas realizações/façanhas sempre calculadas e submetidas aos *rankings*, são organizadas atribuindo aos indivíduos hierarquizados a satisfação e o senso de dever que os impulsiona. O sujeito que é gestado e ganha contornos mais pronunciados gradualmente é descrito por Laval e Dardot (2016, p. 353). Eles assinalam que

[...] o novo sujeito é o homem da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito para ganhar, ser bem-sucedido. O esporte de competição, mais ainda que as figuras idealizadas dos dirigentes de empresas, continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos. Embora date do início do século XX e tenha se mostrado perfeitamente compatível tanto com o fascismo e o comunismo soviético como com o fordismo, o culto ao esporte sofreu uma mudança importante quando se introduziu a partir de dentro nas práticas mais diversas, não só por empréstimo de determinado léxico, mas também, de forma ainda mais decisiva, pela lógica do desempenho, que altera seu significado subjetivo. Isso é verdadeiro para o mundo profissional, mas é verdadeiro também para muitos outros campos.

Esta explicação sobre o que identificamos como homem-máquina-esportista é considerada de valor, pois encontramos nessa asserção amparo à hipótese que nos guia no que diz respeito à manifestação generalizada da esportividade. Além de outros campos de atuação que se moldam a uma modalidade esportiva desta, encontramos expressões com essências distintas, constituindo-se como uma práxis peculiar, permitindo uma performance desejada e exercitada. Dentre estes arquétipos gradados de esportividades distintas, o esportista aventureiro é apontado por Ehrenberg (2010, p. 29) como grande mobilizador das subjetividades, rejeitando a segurança da rotina e escapando do que é ordinário. Segundo o referido autor nos explica,

[...] o aventureiro busca escapar disso forjando uma unicidade absoluta, na figura do salvador, revolucionário etc. Trata-se de se separar do mundo, recusá-lo, de se elevar acima da

condição humana comum, na experiência mística como revolucionária, comunista ou fascista. Há aqui uma vontade de se apoiar sobre o mundo para ficar fora do mundo ou para mudá-lo.

Complementando as caracterizações destas práticas que nos remetem às explorações movidas por interesses econômicos expansionistas, Costa (2000, p. 56) descreve este tipo de esporte de aventura e risco calculado como sendo de uma cultura híbrida, transitando “[...] tanto nos domínios do retorno à natureza como na evolução da tecnologia.” Segundo ela nos afirma,

[...] suas propriedades simbólicas, físicas e técnicas são reveladas nas dimensões culturais dos modos de perceber e apreciar esses esportes. É comum os segmentos ecoturísticos e o empresariado adotarem as práticas de aventura e risco como arte de viver, desafiando calculadamente, com risco de vida, o fim trágico ou a sobrevivência gloriosa (COSTA, 2000, p. 55-6).

É importante perceber que este contato esportivo-aventureiro com a natureza simula um risco fictício. “São riscos provocados, calculados e de certa forma imaginários” (p. 55), tendo em vista que a aventura planejada para exploração “é altamente controlada por um planejamento rigoroso e por sofisticado aparato tecnológico e de segurança” (p. 55) Desta maneira, arriscar-se é paradoxalmente associado ao controle em nossa sociedade, “[...] cujo princípio regulador tem sido a segurança” (COSTA, 2000, p. 56). Assim, estas práticas se mostram restritivas, pois revela-se que,

[...] para buscar sensações mais extremas e vivenciá-las, o praticante mergulha na natureza apoiado por equipamentos cada vez mais precisos e especializados, aumentando o custo, selecionando o acesso àqueles que possuem poder aquisitivo para desfrutá-lo, mas garantindo a segurança para usufruir paisagens em locais por vezes inalcançáveis pelas pessoas comuns (COSTA, 2000, p. 56).

Em continuidade à descrição destas práticas investidas de uma simbologia particular, mesclando tecnologias e instrumentos específicos com ambientes naturais necessários para a prática, Costa (2000, p. 57) assinala que

[...] essas práticas esportivas outdoor, realizadas como lazer na natureza, em florestas, rios, mares e montanhas, são marcadas por desenvolverem um cuidado com o corpo, quando se sabe que o condicionamento físico e uma dietética adequada são exigências fundamentais para a atividade, com a manutenção da aparência jovem, higiênica e da expressão de saúde e bem estar.

Dentre estas práticas, podemos citar montanhismo, alpinismo, trilhas (*trekking*), *mountain bike*, rapel, canoagem, *surf*, *kayak*, esqui, os variados tipos de surfe, *snowboard* além de várias outras. Percebemos que este enfrentamento da natureza e de seus riscos ocorre com apoio em equipamentos específicos para o bem-sucedido confronto com ventos, mares, montanhas, neve etc., evidenciando também o aspecto turístico de chegar aos locais destinados e propagados para a prática.

Visando a direcionar nossas observações para o corpo, buscaremos apontar sucintamente algumas teorizações que nos permitem perceber este território orgânico como objeto das produções sociais vigentes, marcando literalmente na carne as inflexões instrumentalizadas pelas máquinas de toda sorte. Percebemos uma relação clara entre o fenômeno do esporte e algumas psicopatologias contemporâneas que acreditamos ter influência do esporte espetacularizado, a exemplo da vigorexia, anorexia, bulimia e compulsão medicamentosa, dentre outros comportamentos que se sujeitam a demandas estéticas, observadas e veiculadas no ciberespaço e mídias em geral.

Neste terreno de exploração teórica, nos detemos nas incidências das esportividades na corporeidade. Um conceito interessante de ser introduzido a representar parcialmente nossas reflexões sobre o desenvolvimento objetificado na materialidade do humano é o de corpolatria (CODO & SENNE, 1985). A noção caracteriza o período contemporâneo de culto ao corpo belo e atlético, assim definida pelos autores retrocitados: “[...] eis a corpolatria, uma tempestade de manifestações concomitantes, ressaltando ou guindando o corpo ao centro do universo. Sempre o *meu* corpo, e sempre antagonizado, contraposto à economia, à política, e à civilização” (p. 25).

Em meio a essa “tempestade” de práticas, destacamos a noção de “ginástica”, especialmente

representada pela escola alemã, propulsora de um processo de desportivização específico com suporte nessas práticas. A instrumentalização otimizada dos movimentos corporais de modo a exercitar o corpo e construí-lo é um dos princípios da ginástica; uma expressão originária da cultura do movimento com implicações para a constituição do esporte. A exploração do conceito de ginástica e sua caracterização proverão interessante material para pensar as práticas corporais hoje encontradas especialmente nas academias. Estes “[...] centros de treinamento do corpo” estão cada vez mais especializados e alimentados de inventivas modalidades de exercício, seguindo um contínuo aprimoramento das atividades físicas com grande influência na constituição de saber na Educação Física. Será possível também explorar as manifestações como o *Bodybuilding*, ilustrativa modalidade que nos demonstra os limites da submissão do corpo aos exercícios para transformá-lo radicalmente. Na perspectiva de Pereira (1988, p. 228), a ginástica, em comparação ao esporte, é definida como

[...] mais séria, mais voltada para a higiene, para o utilitarismo, mais voltada para a individualidade, marcada pela intencionalidade gestual. Os gestos motores são mais organizados no sentido da perfeição do movimento, mais estruturados com objetivos específicos; a ginástica é mais metódica, mais direcionada gestualmente que o esporte, sendo que seus fundamentos servem para: a educação física, a higiene, a reabilitação física como na fisioterapia, na preparação militar, como meio de preparação desportiva.

Ao reaver a história ligada às associações de ginásticas e às associações esportivas, percebemos uma maior propagação do esporte com seus componentes característicos. As ginásticas, entretanto, são descritas como práticas que se libertaram das associações, ganhando independência e sendo promovidas nas escolas e nas forças militares, especialmente. Segundo Vigarello (2011, p. 205),

[...] se as sociedades de ginástica tendem a se apagar, a ginástica, esta não. Como método preparatório e repertório de conjunto, a ginástica não se apaga continua mesmo sendo prática primeira, arsenal de movimentos

que mantém a imagem dos aprendizados progressivos e calculados com ela, triunfo nas escolas, principalmente.

Outra aplicação mais recente da ginástica é aquela desenvolvida no ambiente de trabalho e no horário laboral com foco na saúde do trabalhador. Chamada “ginástica laboral”, ela visa a preparar e/ou proteger o corpo para as repetitivas atividades e diminuir o estresse, dentre outras funcionalidades. Pode ser do tipo preparatória, compensatória, corretiva, de relaxamento e de compensação (CODO, 1998). Esta prática destaca os conhecimentos desenvolvidos na ergonomia focados em permitir uma extração mais otimizada da força e energia do corpo para o trabalho, mantendo-o em condições de prolongar o tempo de submissão às rotinas de trabalho, prevenindo as doenças ocupacionais das diversas composições entre homem e maquinário. Não unicamente a ginástica laboral, mas outros formatos de atividades físicas e esportivas são realizados nas empresas, de modo a integrar os funcionários, desenvolver o *team spirit* (espírito de equipe) e melhorar a produtividade para a organização.

Em suma, a ginástica é a realização de movimentos racionalizados com um objetivo utilitário direcionado a mais eficiência no labor, no esporte e/ou na estética corporal. Sobre este arquétipo do ginasta, Ramos (2004a, p.145) complementa para nós a noção relatada previamente, observando que

[...] o ginasta é um eficiente administrador de seu próprio corpo; nele a sensibilidade e a expressão são tecnicados, entram como índices de eficiência e não de mímese ou de comunicação com o outro (muitas vezes nem visa o outro, a não ser para vencê-lo ou superá-lo).

A supervalorização do corpo, o “mais belo objeto de consumo” (BAUDRILLARD, 2008), motiva inúmeras intervenções maquínicas na busca de produzir o corpo referenciado na mídia como belo e performativo. Com o corpo no centro de gravidade subjetiva (DEBRAY, 1993), percebemos que este aufere valor de culto, disseminado pela comunicação tecnológica no contexto de prevalência de uma cultura imagética e digital, constituindo-se como poderoso simulacro a transbordar mais-realidade. David Le Breton

(2011, p. 71) guia-nos em suas interlocuções sobre o corpo e exprime que, “[...] através de uma forma eminentemente moderna de dualismo, o corpo perde seu antigo valor moral e vê crescer o seu valor técnico (e até mesmo mercante).” Deste modo, o corpo se faz território de fetichizações, ofertando-se como mercadoria para o consumo midiático e espetacularizado. Chaves et al (2009, p. 773) explicam que

[...] homens e mulheres investem cada vez mais tempo, energia e recursos financeiros no consumo de bens e serviços destinados à construção e manutenção do invólucro corporal. Por outro lado, alguns estudos mostram que em paralelo ao culto ao corpo tem aumentado a insatisfação das pessoas com seus corpos, assim como o consumo das chamadas “drogas da imagem corporal”, entre as quais se incluem os esteroides anabólicos androgênicos ou anabolizantes.

Essas são exemplos de violências impostas aos corpos, o que corrobora a noção de Marcuse (1975) sobre o “princípio de rendimento” na sociedade industrial, o qual resulta na busca contínua de mais produção, infligindo ao sujeito uma cota extra de repressão destinada a obter mais desempenho. Assim, percebemos que temos direcionado aos corpos, também, esses desejos e uma porção adicional de repressão, agressividade autoinfligida no desejo de que potencializemos o uso do nosso corpo, da sua força, da sua energia, da sua estética, para fins de obter mais produtividade. Apoiando-se no conceito de “mais-repressão” (MARCUSE, 1975) como instrumento da sociedade guiada pelo princípio de rendimento, Vaz (2014, p. 313) acentua que esta sociedade

[...] agora oferece uma liberação sob a tutela da repressão, um alívio para o corpo que parece escapar por um tempo do trabalho alienado, gozando dos benefícios que a cultura de massas oferece. Mas, esta liberação produz um corpo submetido à repressão, um instrumento de trabalho e de diversão em uma sociedade que se organiza contra sua própria liberdade.

Aparentemente, as tecnologias se desenvolvem amplamente para prover ao corpo os equacionamentos, programações e intervenções de toda ordem, com o objetivo de padronizá-lo e

torná-lo produtivo. Com as contribuições sobre a sociedade disciplinar, Foucault possibilita interessantes interlocuções, em especial, com uma reconfiguração do panóptico com os novos modos de vigilância difusa a ser explorada posteriormente. Com Foucault, despertou-se interesse também em análises que pensaram “[...] o modo como o corpo – sua doença, sua sexualidade, seus prazeres, seus gestos e posturas, sua sensorialidade, sua relação com os objetos, com o espaço e com o outro – é atravessado por instituições, instrumentos, saberes, poderes etc.” (BRUNO, 1999, p. 101).

Adorno permite-nos refletir sobre a mercantilização dos valores culturais e subordinação destes em relação aos meios de comunicação e aos produtores. Sobre a racionalidade instrumentalizada pela ciência e cooptada pelo mercado, pressupomos inúmeras produções de “patologias” e anomalias que justificam as invenções de necessidades e as criações de produtos. Evidenciando uma aproximação entre os relevantes autores, Bracht (1997) postula a ideia de que “[...] a racionalização da sociedade significa em Adorno e Foucault cometer violência contra o corpo” (p. 46). Não podemos deixar de mencionar que essa repressão sobre os corpos, que demanda por sacrifícios diversos, é constituída pelas práticas discursivas partilhadas e reproduzidas. Sem dúvida, o mercado da estética se aproxima cada vez mais do mercado da saúde e a patologização e a criação de deficiência pelas descobertas científicas resultam em eficientes métodos de potencializar o lucro das empresas.

Corroborando o exposto, Kehl (2004, p.245) exprime a noção de que, “[...] se os corpos não existem fora da linguagem, as práticas da linguagem determinam a aparência, a expressividade e até mesmo a saúde dos corpos” (p. 245). Assim, percebemos o corpo significado neste emaranhado discursivo produtor de subjetividade. Ela assinala que “[...] nossos corpos não são independentes da rede discursiva em que estamos inseridos, como não são independentes da rede de trocas - troca- de olhares, de toques, de palavras e de substâncias – que estabelecemos.” (KEHL, 2004, p. 246).

Com esta última asserção de Kehl, nos questionamos acerca de que efeitos a tecnologia produz ao mediatizar as trocas humanas e as

sociabilidades hoje alocadas no ciberespaço, percebendo grande necessidade de outros estudos acerca das subjetividades produzidas com novas interações com as máquinas contemporâneas.

### **Considerações Finais**

Após as discussões promovidas, concluímos estas reflexões sobre a corporeidade e a “mentalidade” esportivas e estas nos direcionam como possibilidades de estudos futuros às temáticas da comunicação hipertecnológica para aprofundar os pontos eleitos neste trabalho acerca das subjetividades capturadas pelos signos de esportividade - fetichizados e valorados como atributos de distintividade psicossocial, econômica e cultural. Tal estudo se mostraria relevante por revelar uma faceta desta esportividade aqui problematizada em interface com as novas tecnologias e redes sociais repletas de imagens esportivizadas compartilhadas conclamando para cada usuário da rede uma proficiência não unicamente esportiva, mas também social.

É inevitável endereçar nossa reflexão crítica sobre a ilusória igualdade sobre a qual o esporte se funda e que emana como realidade social para as relações entre os indivíduos. Este princípio da igualdade de condições promove o ideário do esporte, equiparando-o à sociedade, negando os condicionamentos históricos determinantes para os desempenhos calculados, tanto no esporte quanto no contexto socioeconômico. Faz-se necessário, entretanto, denunciar a significativa determinação destas performances pelos recursos econômicos, técnicos e científicos disponíveis e aprimorados para a obtenção das vitórias nas diversas áreas. Atentamos aqui para o modo como as vantagens obtidas de recursos tecnocientíficos podem se oferecer aos indivíduos de modo travestido em mercadorias e serviços embutidos de técnica, lícitos ou não, desvelando o caráter desigual da sociedade. Deste modo, as conquistas de marcas e corpos esportivos são determinados primordialmente por condições socioeconômicas de exercício destas atividades no tempo livre dos indivíduos.

Percebemos, assim, que a prática esportiva e o consumo mediático de espetáculos esportivos se oferecem de modo distinto a diferentes parcelas da população, ainda que a percepção de que o

Esporte é para todos se propague, a distintividade social de cada esporte e prática condiciona quem consome tais práticas e tais espetáculos.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1995a. p. 119-138.
- ADORNO, Theodor W. O Ataque de Veblen à Cultura. In: ADORNO, T.W. **Prismas**. São Paulo: Ática, 1998. p. 69-90.
- ADORNO, Theodor W. Tempo Livre in: ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos** (1947). 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- ADORNO, Theodor W. Historische und soziale Voraussetzungen modernen Sports. In: Hortleder/ Gebauer (Hrsg.) **Sport-Eros-Tod**. Frankfurt: Suhrkamp, 1986. P. 91-112.
- BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. Lisboa : Edicoes 70, 2008.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução**. Florianópolis: EDUFES, 1997.
- BROHM, Jean-Marie. 1976. "Sociologie politique du sport". In : BERTHAUDE, G. e col. **Sport, culture et répression**. Paris: FM: 16-31.
- BRUNO, Fernanda. Membranas e Interfaces. In VILLAÇA, Nízia et al. (orgs). **Que corpo é esse?** Rio de Janeiro, Mauad, 1999, p. 98-113.
- CAVALCANTI, Katia Brandão. **Esporte para Todos: Um Discurso Ideológico**. São Paulo: IBRASA, 1984.
- CODO, Wanderley & SENNE, W. **O que é Corpo(latria)**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- COSTA, Vera Lucia de Menezes. Esportes de Aventura e Risco na Montanha: uma trajetória de jogo com riscos e incertezas. In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina.(orgs) **Fenômeno Esportivo no início de um Novo Milênio**, Unimep, 2000. P. 53-62.
- DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem**, São Paulo: Vozes, 1993.
- EHRENBERG, Alain. **O Culto da Performance**. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.
- ELIAS, Norbert. **A busca da Excitação**, Lisboa: Dipel, 1992.
- FREUD, Sigmund. (1929) Psicologia das Massas e Análise do Ego in **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1996.
- GORZ, Andre. **O Imaterial: Conhecimento, Valor e Capital**. São Paulo: Annablume, 2005.
- KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, E.; KEHL, M. (orgs). **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011a.
- MARCUSE, Herbert. **Ideologia da Sociedade Industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.
- PEREIRA, Flávio M. **Dialética da Cultura Física**. São Paulo: Ícone editora, 1988.
- RAMOS, Conrado. **A Dominação do Corpo no Mundo Administrado**. São Paulo, Editora Escuta, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e Comunicação: Sintoma da Cultura**. São Paulo: Paulus, 2004b.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Antropologia do Ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- VAZ, Alexandre F. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal in: **Cadernos Cedex**, ano XIX, nº 48, Agosto/ 1999, p 89-108.
- VAZ, Alexandre F. Corporalidade e formação na obra de Theodor W. Adorno: questões para a reflexão crítica e para as práticas corporais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 21-49, 2004.
- VAZ, Alexandre F. Teoria Crítica do Esporte: Origens, Polêmicas, Atualidade in **Resultado Parcial do projeto Teoria Crítica**, Racionalidades e Educação. 2008.

VAZ, Alexandre F. Encontro entre Corpo, Técnica e Tecnologia. In **Cadernos de Formação RBCE**, set. 2016, p. 88-96.

VAZ, Alexandre F. & BASSIANI, Jason. Técnica, Corpo e Coisificação: Notas de Trabalho Sobre o Tema da Técnica em Theodor W. Adorno In **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 102, jan./abr. 2008, p. 99-118

VIGARELLO, Georges et al. **História do Corpo: as Mutações do Olhar. O século XX. Vol. 3.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIGARELLO, Georges et al. **História da Virilidade: a Virilidade em Crise? O Século XX e XXI. Vol 3.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.